

POLIFONIA	GUIABÁ	EdUFMT	V. 13	p. 23-44	2007	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

## **PORTUGUÊS BRASUCA: UM DIALETO EMERGENTE**

**Kátia Maria Santos Mota\***

**RESUMO:** O texto apresenta uma descrição sobre os aspectos sociolingüísticos mais marcantes no 'Português Brasuca', dialeto em formação entre os membros da comunidade de fala 'português brasileiro' dos imigrantes brasileiros residentes nos Estados Unidos. A posição social do português é destacada nos vários eventos de fala em paralelismo ao crescente prestígio da escolha lingüística predominante em inglês, sobretudo em campos semânticos diretamente associados à vida cotidiana do imigrante. São apresentadas situações comunicativas com tendência ao *code-switching* e ao *code-mixing* em decorrência dos traços de identidade intercultural. Nas conclusões, são apresentadas falas que expressam o nível de consciência metalingüística sobre o contato entre duas línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** português brasuca, imigrantes brasileiros, bilingüismo, interculturalidade

## **BRASUCA PORTUGUESE: AN EMERGING DIALECT**

**ABSTRACT:** The text presents a description about the more remarkable sociolinguistic aspects of 'Brasuca Portuguese', a dialect in formation among the members of the speech community of Brazilian immigrants living in the United States. The social

---

\* Professora do Mestrado em Educação e Contemporaneidade, na UNEB, e do Programa de Pós-Graduação em Letras, na UFBA.

position of Portuguese is highlighted in various speech events in parallelism to the increasing prestige of the language choice predominantly in English, especially in semantic fields directly related to the immigrant daily life. Communicative situations illustrated with code-switching and code-mixing are presented associated with traits of intercultural identity. Finally, statements by informants express the level of metalinguistic awareness about languages in contact.

**KEYWORDS:** brasuca portuguese, brazilian immigrants, bilingualism, intercultural relations

A presença da comunidade brasileira nos Estados Unidos, resultante de ondas emigratórias que começaram a deixar o Brasil na década de 80, vem marcando novos espaços de identidade na confluência da vida entre dois lugares, da transitoriedade multifacetada da rotina cotidiana, considerando a recentidade da aventura do deslocamento internacional. Tendo essa realidade como pano de fundo, foi desenvolvido um estudo etnográfico, envolvendo doze famílias imigrantes brasileiras residentes em Somerville, Massachusetts, com o propósito de investigar a correlação entre dinâmicas de aculturação, bilingüismo e trajetórias de identidade (MOTA, 1999). Pretendia, na época, estudar a possível solidificação do bilingüismo através da diglossia, ou seja, a prevalência de cada uma das línguas em determinados domínios sociais. Nesse intento, uma das perguntas investigativas – Quais seriam os espaços de manutenção do português? – constituiu-se na preocupação maior. Entretanto, os dados produzidos a partir dessa questão foram se delineando nos seguintes atalhos: Quais as marcas lingüísticas dessa variante do português? A quais intenções comunicativas ela se associa? Em que cenários sócio-interacionais se manifesta?

Essas indagações não tiveram espaço exploratório naquela pesquisa, mas foram guardadas para, em um momento posterior, serem retomadas. Pretendo, então, neste texto resgatar tais inquietações e apresentar algumas linhas diretrizes de uma pesquisa embrionária que abra espaço para uma reflexão

sociolingüística sobre a formação do português brasuca<sup>1</sup> – uma variante que vem se emoldurando na comunidade de fala dos brasileiros residentes nos Estados Unidos. Na secção seguinte, contextualizo a comunidade em situação de bilingüismo a partir dos enquadres sociolingüísticos que estabelecem a posição social do português; nas duas secções que se seguem discuto as formações lexicais do português brasuca em duas direções: (a) a adoção de empréstimos lingüísticos e a alternância entre as duas línguas (*code-switching*) como espelhamento da experiência intercultural que o imigrante vivencia, (b) a criação de neologismos, a partir dos traços de aproximação entre as línguas (*code-mixing*), que registram a presença do inusitado no enfrentamento de uma nova cultura. E, finalmente, na conclusão trago a consciência metalingüística que a comunidade elabora sobre essa variante do português que surge, entre outras, dos deslocamentos transnacionais da contemporaneidade.

## **1. O português: uma língua entre-lugares**

Os dados introdutórios, apresentados nesta primeira secção, focalizam os espaços marcados pela presença do português, como língua materna do grupo imigrante, em contraponto ao avanço do inglês, como língua do país hospedeiro, a qual simboliza a assimilação cultural do imigrante, a sua inclusão social na vida norte-americana. Seguindo a abordagem de Fishman (1972), que considera a situação de bilingüismo com diglossia como a mais favorável à solidificação do bilingüismo estável, foram investigados cinco domínios sociais: casa, trabalho,

---

<sup>1</sup> Em Meihy (2004, p. 33-39), o informante Guttemberg Moreira, de 82 anos, diz ser o responsável pelo termo 'Brasuca' (também escrito como 'Brazuca'). Na sua narrativa diz que era conhecido em Nova York, como jogador de futebol no Central Park, como 'brasoca' da junção de 'brasileiro' e 'carioca' (embora fosse mineiro). Daí, como autor de histórias em quadrinhos, criou o personagem Zé Brasuca, em analogia a Zé Carioca. O herói Zé Brasuca era um brasileiro ilegal que sofria dificuldades em Nova York por não saber inglês. Comenta que esse termo seria específico do imigrante brasileiro residente em Nova York, mas que foi tomado pelos demais grupos de imigrantes residentes em outras cidades norte-americanas.

escola, igreja e lazer. Os resultados revelaram que: a) o trabalho e a escola apresentam um forte impacto direcionado à assimilação do universo norte-americano, reforçando o bilingüismo subtrativo (em que a aquisição de uma segunda língua implica a perda da primeira); b) nos momentos de lazer, as relações de amizade representam claramente a fronteira lingüística entre as duas gerações (nas rodas de amigos, os pais utilizam exclusivamente o português ao passo que os filhos, gradativamente, vão adotando exclusivamente o inglês); c) os principais redutos de preservação da língua materna configuram-se nos espaços da casa e da igreja.

Nesse contexto situacional, o espaço de atuação de cada língua ficaria garantido a partir da função social de cada domínio específico, semelhante ao que foi mostrado no trabalho de Fishmann, Cooper e Ma (1971), que evidencia uma relação entre os domínios sociais mais privados e o uso do espanhol, e entre o uso do inglês e os domínios sociais da esfera pública. Os autores sugerem a seqüência de cinco domínios sociais (família > amizade > religião > educação > trabalho) partindo do espaço onde a presença do espanhol é mais forte e direcionando-se ao outro extremo onde o uso do inglês ganha exclusividade. Em termos comparativos, no caso das famílias brasileiras, percebe-se a seguinte alteração da seqüência: religião > família > amizade > educação > trabalho. Além do espaço institucional, a escolha lingüística segue certa previsibilidade a partir de fatores determinantes que envolvem a situação social, tais como: perfil dos interlocutores, grau de formalidade ou intimidade, tópico da conversação (GROSJEAN, 1982, p. 136). Para Romaine (1994, p. 36), ao escolher uma língua em uma determinada situação comunicativa, o sujeito assume um 'ato de identidade', posiciona-se como membro de um determinado grupo. Observa-se, entretanto, que uma constante oscilação no movimento de escolha lingüística, com tendência favorável ao inglês, permeia a natureza da previsibilidade, sobretudo entre os indivíduos mais jovens, como confirma uma adolescente (MOTA, 1999, p.196):

Com meus amigos brasileiros que sabem inglês eu falo sempre inglês. Só falo português quando eles não sabem

falar inglês. Mas se estiver aqui em casa, aí acho que falo mais português mesmo com meus amigos, porque a gente está dentro de casa e dentro de casa é mais português. Mas, não sei, eu falo com meu irmão mais inglês. Até com minha mãe às vezes eu falo inglês, mas ela não entende. Aí, eu tenho que falar português.

A casa elabora duas modalidades de estratégias de manutenção do português: ao assumir a função escolar, quando os pais tornam-se professores/fiscalizadores do desempenho comunicativo dos filhos em português, ou ao promover vínculos interativos com a comunidade brasileira dentro e fora dos Estados Unidos. Nesse sentido, ressalto que a participação nos eventos da igreja da comunidade brasileira e a convivência com a televisão brasileira se destacam como espaços de educação informal no oferecimento de eficientes “aulas de português” (MOTA, 2004).

A evolução lingüística intergeracional segue caminhos opostos. Em decorrência dos conflitos emocionais, culturais e sociais que emergem a partir dos esforços de acomodações individuais e coletivas à experiência migratória, os pais demonstram uma grande dificuldade na socialização em inglês como segunda língua. As crianças e adolescentes, por outro lado, seguem um ritmo acelerado de assimilação lingüística em direção ao inglês como língua dominante. Uma microcena registrada na pesquisa ilustra claramente essa fronteira lingüística na comunicação familiar: em um passeio de carro que fiz com uma mãe brasileira e seu filho de 8 anos, durante boa parte do percurso os dois conversavam nas duas línguas, cada um mantendo sua lealdade lingüística – a mãe, falava português e o filho, inglês. O evento caracteriza a predominância de habilidades receptivas da comunicação em inglês, nos adultos, e em português, nos jovens. Ocorrências similares foram relatadas por Gal (1979) ao estudar Oberwart, uma vila austríaca onde conviviam o húngaro e o alemão. Usando registros de escolha lingüística em eventos sociais abrangendo diversos grupos etários, concluiu que os interlocutores mais jovens optavam pelo alemão, enquanto que os mais velhos mantinham a tradição da comunicação em húngaro. No nosso grupo de famílias, os

depoimentos revelam crenças e sentimentos lingüísticos: para os pais, o português representa a marca simbólica de brasilidade, a língua das raízes familiares, a ferramenta do controle e da autoridade do mundo da casa; para os filhos, o português é a língua da vinculação à tradição brasileira, das “saudades” vividas através de relatos dos pais, da fronteira entre o velho e o novo.

English is the high-status language; it is the societal language. Although young children neither know nor care about prestige and status, they do care about belonging and acceptance. They quickly sense that without English they will not be able to participate in the English-speaking world of the school, and so they learn it, and they give up their primary language (WONG-FILLMORE, 1991, p. 343)<sup>2</sup>.

A escolha lingüística representa, para cada geração, não simplesmente um correlato essencialista da identidade étnica do indivíduo/grupo, mas principalmente um mecanismo gerenciador de eventos comunicativos que assegura o papel social que cada língua assume nas relações intra/inter comunitárias. Na realidade norte-americana percebe-se que, apesar dos recorrentes discursos políticos entre grupos imigrantes sobre preservação da tradição étnica, o modelo cultural anglo-saxônico vem sendo “socialmente imposto” como o referencial-alvo do processo de aculturação. Fica evidente, então, que a assimilação se configura em um curto espaço de tempo como uma condição necessária ao processo de mobilidade social. Dessa forma, as aspirações de ascensão social, com a conseqüente aceleração do processo aculturativo, ameaçam a solidariedade intragrupal e a sobrevivência da tradição cultural, resultando em alta probabilidade de perda da língua materna. Fishman (1966)

---

<sup>2</sup> Tradução da autora: “Inglês é a língua de prestígio; é a língua da sociedade. Apesar de as crianças não entenderem ou se importarem com o prestígio ou status de uma língua, elas se importam com a pertença ao e aceitação pelo grupo. Elas rapidamente percebem que sem o inglês não serão capazes de participar no mundo da escola que fala inglês e, assim, aprendem-no, abandonando sua língua materna” (WONG-FILLMORE, 1991, p. 343).

apresenta um estudo minucioso sobre o comportamento lingüístico dos imigrantes nos Estados Unidos da primeira metade do sec. XX abrangendo vários grupos étnicos. Fica constatado nas suas pesquisas que a perda da língua materna vai ocorrer quase que inevitavelmente já a partir da segunda geração da família imigrante. Registra, entretanto, que essa perda lingüística não se revela como proveniente de intenção voluntária do grupo em direção à assimilação, pois vários relatos históricos sobre os imigrantes evidenciam grandes esforços exercidos pelas comunidades étnicas no sentido de tentar garantir a preservação da sua herança cultural e manutenção da língua materna.

Apesar de se reconhecer essas fortes intenções comunitárias, a língua inglesa vai assumindo rapidamente o seu lugar como língua majoritária, concomitantemente ao desaparecimento gradual das línguas minoritárias, consideradas como de menor prestígio social. Fishman (1966, p. 29) ressalta que, como não havia, entre aqueles grupos imigrantes, uma oposição visível entre etnicidade e ideologia nacional de democracia, os imigrantes foram, tanto individual como coletivamente, incorporando o novo estilo de vida norte-americano sem que, conscientemente, tivessem que rejeitar suas origens étnicas. Ocorria, entretanto, que o processo acelerado de assimilação, facilitador da ascensão social, promovia uma quase imediata perda da função social da língua materna. Na verdade, mesmo exercendo uma política dita como de “tolerância” à diversidade lingüística, a sociedade anglo-americana enfatizava acentuadamente a expectativa de que o imigrante deveria se “integrar” o mais rápido possível ao ideal coletivo da nação. Seguindo essa orientação, parece evidente que a escolha lingüística é determinada muito mais pelas necessidades comunicativas e interesses políticos do grupo dominante do que pelos desejos das minorias. A língua étnica passa, então, a refletir uma condição subordinada e seu uso social fica restrito aos meios de comunicação intragrupal e de articulação cultural.

Retomando a mesma linha temática de Fishman, Veltman (1983) estuda o comportamento lingüístico de grupos imigrantes mais recentes. Examinando dez grupos etnolingüísticos, observa que a perda da língua materna se

evidencia como uma tendência geral, exceto entre os hispânicos. Estes vivenciam um constante processo de revitalização étnica devido aos freqüentes fluxos migratórios que chegam aos Estados Unidos e à facilidade de trânsito com os países hispânicos. Dessa forma, o espanhol assume uma posição isolada de ser a mais importante língua minoritária em contraste com os períodos anteriores de imigração, quando várias línguas minoritárias assumiam posições semelhantes. Assinala, entretanto, que, entre os grupos não-hispânicos, figuram os chineses, portugueses e gregos como os mais conservadores lingüisticamente, isto é, que resistem por um maior espaço de tempo ao processo de assimilação.

O estudo das comunidades brasileiras nos Estados Unidos e em outras partes do mundo traz registros valiosos para a pesquisa sociolingüística, considerando que, enquanto nação, estamos estreando na experiência de ser imigrante e, por outro lado, como somos imigrantes recém-chegados, as línguas de origem e de chegada ainda estão em uma fase bem inicial de contato, o que permite acompanhar o processo de socialização lingüística a partir da primeira geração de imigrantes.

## **2. O português que se mescla a partir da interculturalidade**

Apesar de os estudos sociolingüísticos, envolvendo comunidades imigrantes nos Estados Unidos, apontarem para o bilingüismo como uma situação transitória, a qual, em um curto espaço de tempo, evolui para o monolingüismo em inglês, os cenários de línguas em contato são de fundamental importância na descrição das trajetórias de identidades a partir da coexistência e concorrência entre as duas línguas. Posto isto, o que é feito do português que circula na vida cotidiana dos brasileiros em terra estrangeira? Quais os processos lingüísticos que caracterizam essa variante ao se mesclar com o inglês? Como essa nova forma de falar português traduz os conflitos e desafios da vida do imigrante? As categorias de análise aqui apresentadas são ilustradas a partir de falas coletadas como dados secundários da minha pesquisa original e de falas disponíveis nos estudos de



outros pesquisadores que trazem a questão lingüística apenas como tema transversal.

O português que circula nessa comunidade de fala se configura a partir da diversidade lingüística trazida das regiões brasileiras de onde partiram nossos imigrantes, sendo recriado através do contato com o inglês. Poderíamos imaginar, então, que haveria um apagamento das marcas de regionalismo do português do Brasil; tal não ocorre, porque predomina uma tendência ao “dialeto mineiro”, já que foram eles os primeiros a chegar aos Estados Unidos. Nesse sentido, os falares dos imigrantes recém-chegados, vindos de várias regiões brasileiras, são recriados a partir da convivência com os mineiros, já considerados “donos do pedaço”. Assim traduz uma adolescente gaúcha:

Aqui você aprende mais coisa nova, as formas de falar português, as diferenças de sotaque. No Brasil se me falassem - ô trem - eu não ia saber o que era e aqui eu vi que ‘trem’ é forma de mineiro falar. Eu me senti mais brasileira (MOTA, 1999, p. 222).

Assim como ocorrem movimentos de integração, também são registrados os de exclusão, de deslocamento de preconceitos lingüísticos trazidos do Brasil. É o exemplo dos imigrantes que vêm de cidades nordestinas, uma parcela quantitativamente insignificante, que relatam ocorrências de discriminação em referência ao sotaque nordestino transposto para o inglês: “Quando eu falo inglês, aí até brasileiro me discrimina porque meu inglês tem sotaque de nordestina. Falar inglês na frente de brasileiro é horrível” (MOTA, 1999, p. 207). A pronúncia tanto do inglês como do português é tanto mais valorizada socialmente quanto mais distante for das marcas de regionalização desprestigiadas.

Nessa mesma linha de pensamento, a adoção do sotaque americano na fala em português torna-se valorizada socialmente, principalmente na percepção dos brasileiros que estão no Brasil, pois assinala a assimilação à sociedade norte-americana, uma

marca simbólica de sucesso no investimento do movimento migratório. Assim, por questões mais de prestígio social do que de interferência lingüística, o falante do português brasuca demonstra, com freqüência, traços fonológicos e prosódicos de influência do inglês, um comportamento lingüístico resultante muito mais da concorrência entre duas culturas do que da situação de línguas em contato. Na realidade, essa situação de contato entre o português e o inglês, nas primeiras fases de aculturação do imigrante, ocorre mais naturalmente em direção contrária: como o português ainda é a língua mais forte na competência comunicativa do grupo, os casos de interferência lingüística são mais acentuados no inglês. Assim, por exemplo, os padrões fonológicos e morfológicos do português do Brasil são facilmente transferidos para os empréstimos do inglês que passam a fazer parte do universo vocabular do português brasuca. Que empréstimos são esses? Atendem a que propósitos?

A intenção fundamental da migração se direciona para o mundo do trabalho, para as oportunidades de fazer a vida fora do Brasil. A associação “trabalho e língua inglesa” se faz de imediato; falar sobre as coisas de trabalho significa incorporar no português um universo lexical em inglês – são tantas as ocorrências que autores como Sales (1999) e Fleischer (2002) acrescentam nos seus livros um glossário das palavras inglesas mais comumente usadas, a fim de melhor orientar os leitores. Nesse sentido, ao falar de suas novas funções de trabalho, os brasileiros se identificam sempre em inglês como *housecleaner*/faxineira, *busboy*/rapaz que limpa as mesas dos restaurantes, *manager*/gerente, *driver*/motorista, *landscape*/que trabalha em serviços de terraplanagem, *parent liaison*/conselheiro, elo entre a família e a escola. Ao descrever sua rotina de trabalho, as palavras inglesas ganham força significativa. Assim, registramos falas do tipo:

– Trabalhava de dia na *disha* e à noite de *busgirl* em outro restaurante, onde o *manager* gostava muito de meu trabalho (SALES, 1999, p.116).

(a palavra “disha”, forma contraída de *dishwasher*, refere-se à lavagem de pratos)

– Fazia 10 *shine*, pagava 10 dólares para ele (MEIHY, 2004, p.151).

(referente ao inglês, *Shine* significa engraxar)

– Fazer *strip* do quarto é tirar os lençóis (GALVÃO, 2005, p. 69).

– Uma *housecleaner* experiente nunca dá o preço por telefone, mas fala que quer ver a casa. É o *free estimate* (FLEISCHER, 2002, p.147).

(referindo-se ao orçamento gratuito)

Os utensílios de trabalho (*basket*/cesta, *mop*/esfregão, *flyers*/folhetos, *silverware*/talheres), assim como as expressões que caracterizam as tarefas ocupacionais (*schedule*/horário, *day off*/folga, *part-time*/tempo parcial, *live in*/incluída a moradia, *night shift* /turno da noite) também são comumente ditas exclusivamente em inglês. Da mesma forma, ao falar, por exemplo, sobre seu perfil de imigrante nos Estados Unidos, descobrem que as palavras em inglês – *newcomers*/recém-chegados, *businessman* /homem de negócios, *hardworkers*/aqueles que trabalham pesado e *entrepreneurs* /empreendedores etc. – são mais adequadas às mudanças de concepção sobre as atividades ocupacionais. Percebe-se, então, que o processo de incorporação de empréstimos lingüísticos concentra-se no campo semântico do trabalho e está diretamente articulado com a nova identidade coletiva de ser trabalhador em terra estrangeira. A língua inglesa, sendo a que representa o investimento social do imigrante, é a que melhor materializa essa nova realidade. Isso fica evidente, por exemplo, na fala de uma das minhas informantes, ao dizer “... deixar de ser professora no Brasil para ser *housecleaner* nos Estados Unidos é bem diferente do que se rebaixar como faxineira”.

Um outro aspecto que manifesta a correlação entre escolha lingüística e deslocamentos de identidade é a preocupação

com a cidadania no território norte-americano. Mostrar que já sabe dizer em inglês toda a lista de expressões referentes aos documentos nacionais, tais como *Greencard*, *Social Security* ou *Driver license* sinaliza que o imigrante já está se adaptando aos novos territórios de identidade. Em conversas mais íntimas, entretanto, tais referentes são aportuguesados em formas simplificadas e camufladas em expressões tipo “tirar o social” (pronúncia em português) ou “tirar o Sílvio Santos” (referindo-se às iniciais de *Social Security*). A intenção de camuflar a situação de clandestinidade aparece também em expressões tipo “sou um indu” (para indocumentado) ou “Tia Mimi” (para se referir ao Serviço de Imigração). Ainda como estratégias de auto-identificação, a criatividade lingüística, através do recurso da metaforização, amplia o dicionário dessa comunidade brasileira, ao incluir palavras como “ioiô”, “pingue-pongue”, “gangorra”, “vagalume” e “sanfona” que adquirem novos significados, a fim de expressar as várias especificidades do trânsito de residência Brasil-Estados Unidos. Da mesma forma, a necessidade de camuflar a ilegalidade do processo migratório dá expansão ao uso recorrente de metáforas criadas a partir dos interesses do grupo – assim, “papelaria” passa a ser “agência de falsificação de documentos”; passaportes “esquentados” ou “requentados” significam falsificados; “escrivães” ou “escriturários” são falsificadores etc (MEIHY, 2004, p. 233). Ao dar explicação sobre essa versatilidade lingüística, um informante diz: “A gente inventa uma porção de palavras que têm que ser mudadas porque na medida em que o termo fica ‘manjado’, ele perde a força e até se torna perigoso. Então é preciso mudar, inventar outro. A gente vai inventando e se comunicando” (MEIHY, 2004, p. 243).

A adoção de empréstimos lingüísticos se traduz como espelhamento da socialização no país hospedeiro; pouco a pouco, vão se integrando à vida cotidiana novos componentes culturais. Considero tais ocorrências como empréstimos devido à constatação de que esse conjunto de vocábulos ingleses, associados ao trabalho e à identidade do imigrante, parece já incorporado ao dicionário da comunidade brasuca. Diferencio a noção de empréstimos lingüísticos de alternância de códigos, seguindo a conceituação de Gumperz (1992, p. 66), que define os

primeiros como vocábulos incorporados na língua assumindo marcas fonológicas e morfológicas da língua base, enquanto que na alternância de códigos ocorre a inserção de vocábulos ou frases nas duas línguas justapostas em um mesmo enunciado que funciona como estratégia comunicativa, consciente ou não, do falante. Entretanto, em muitos eventos de fala o uso da alternância de códigos se concentra em determinadas palavras, fato que pode levar tais ocorrências a serem consideradas como possíveis empréstimos. São vocábulos de significados culturais associados à vida norte-americana os seguintes: *basement* /porão, *daycare*/creche, *meetings* /reuniões, *downtown*/centro da cidade, *college*/faculdade, *snow storm*/tempestade de neve, *roommate*/colega de quarto, *boss*/patrão, *landlord* /proprietário do imóvel, *laundry*/lavagem de roupa, *neighborhood*/vizinhança etc. Nesse sentido, a alternância de código assume um caráter de sistematicidade e previsibilidade; isto quer dizer que se trata de uma produção coletiva, de um comportamento lingüístico de uma comunidade de fala que manifesta sinais de aculturação e desejo de dar visibilidade a esse processo. É comum se ouvir falas como as que seguem:

–... depois que passar da fase do *empty nest* (ninho vazio), que todos os pais passam... (GALVÃO, 2005, p. 192);

–... se eu fosse para a terra do meu avô, eu era a neta de meu avô, ... Já aqui, não existe nenhuma dessas *umbrellas* (guarda-chuva no sentido abstrato de proteção), nenhuma sombrinha (SALES, 1999, p.106);

– Casamento e *commitment* (compromisso) emocional aqui nos Estados Unidos, para americano, não tem a mesma conotação que tem para nós (GALVÃO, 2005, p. 195);

– A gente quer fazer planos de *achievement* (conseguir algo, se realizar) (GALVÃO, 2005, p.192).

A alternância de códigos se manifesta, entretanto, não exclusivamente como um comportamento coletivo de ordem situacional. Entre aqueles que já possuem competência bilíngüe mais solidificada, a circulação entre as duas línguas ocorre de forma aleatória, surge como uma estratégia complementar de busca de significantes que, automaticamente, em uma ou outra língua, se articulam melhor ao significado pretendido. Caracterizam, assim, o uso metafórico da alternância de códigos através de expressões pré-formuladas tipo *dar um help*/ajudar, *anyway*/de qualquer jeito, *guess what!* /adivinha!, *you know*/você sabe, *my God!*/meu Deus! que são mais facilmente apreendidas devido, provavelmente, à alta frequência de uso pelos falantes nativos. A alternância para o inglês ocorre também como necessidade de dar ênfase exagerada na fala: “O meu inglês é *awful* (terrível)” (MOTA, 1999, p. 151), ou quando a palavra em inglês está mais disponível no momento, mesmo que seja bem próxima do português, como em “Tenho medo de que elas casem com americanos porque *chances are* (há chances) de que elas vão casar...” (GALVÃO, 2005, p. 195). A explicação é dada por uma menina de 9 anos, que diz: “A língua que sai mais fácil é o inglês, não tem jeito” (MOTA, 1999, p. 219). A estratégia de usar as duas línguas para um mesmo vocábulo, como recurso parafrástico, também é uma ocorrência: “Quando a gente saiu do Brasil, *let me*, deixa eu falar ...” (GALVÃO, 2005, p. 185), “Consigo ver coisas, *now*, agora, que fazem...” (GALVÃO, 2005, p. 190). A alternância de código, segundo Grosjean (1982, p. 122), revela também o aspecto funcional da interação que, segundo o autor, ocorre geralmente em quatro modalidades: para adquirir status, para criar distância social, para excluir alguém, para solicitar ou ordenar.

Até na produção escrita a alternância de código acontece, mesmo que a intenção de se comunicar de forma mais natural possa dificultar a compreensão do destinatário da mensagem, que pode não ser membro da comunidade. Parece ser um processo difícil de ser controlado, como relata uma informante adolescente: “Às vezes já me aconteceu escrever uma carta em português e, no final, eu fazer um parágrafo inteiro em inglês...” (MOTA, 1999:170). No caso de familiares distantes que moram no Brasil,

eles vão se familiarizando com o inglês através do uso recorrente de palavras em inglês nas cartas recebidas. São freqüentes exemplos como:

– Que saudades eu sinto de tudo por aí bicho, você, a tchurma, Igreja, *weekends*, Antarcicas, bate-papos, a *family*, mano, ... (ASSIS, 1999, p. 139).

(a família, tão brasileira, passa a ser denominada em inglês – um exemplo da ambigüidade, da contradição do que se enquadra, ou se deseja enquadrar no universo familiar)

– Está muito frio, não tem emprego. O jeito é ir para a Flórida encontrar com meu amigo, tem muito serviço. *I have to go* (ASSIS, 1999, p.150).

(o comando em inglês “Eu tenho que ir” revela o caráter de determinismo que envolve a trajetória do imigrante e, por outro lado, a objetividade mais diretiva da cultura norte-americana ganha mais força em inglês)

Uma outra forma de alternância de código, altamente recorrente, se observa nas narrativas dos imigrantes sobre suas experiências com a cultura norte-americana. Em voz teatral, é comum o enunciado alternar para o inglês quando se faz a representação da fala do outro, a simulação da fala do americano no discurso direto:

– Eu via todos os dias as mesmas pessoas, as mesmas, ninguém fala ‘*hi, good morning*’ (SALES, 1999, p. 101);

– A cliente pensa: ‘Ah, em *my neighborhood* (em minha vizinhança)?’ Eles estão aqui, meu vizinho conhece, então é *safe*. É seguro (FLEISCHER, 2002, p. 115);

–... mas saí em busca do café... achei um lugar e, bem bonitinho, pedi: ‘Please me I have a cup of coffee?’, eu já tinha decorado tudinho. ‘How would you like your coffee?’, ela me perguntou, e eu respondi: ‘Black, with sugar, please’ (MEIHY, 2004, p.134)

(situações como essa - pedir uma xícara de café, seguida da pergunta da vendedora sobre o tipo de café e a resposta 'preto, com açúcar, por favor' - fazem parte da rotina "decorada", mesmo com leves desvios gramaticais).

É interessante observar que mesmo aqueles que dizem não saber pronunciar nenhuma palavra em inglês, ao narrar episódios vivenciados em interação com os norte-americanos, representam a fala do outro, simulando os padrões fonológicos e prosódicos do inglês com bastante precisão.

- Nessa semana mesmo estava numa academia de ginástica falando português com uma amiga e uma fulana, que nem conheço, me disse que eu estava nos Estados Unidos, '*You should speak English. This is America. Você deveria falar inglês. Aqui é a América.*' Fiquei com raiva porque pensava que na América eu podia falar o que quisesse (MOTA, 1999, p. 207).

Na visão de Gumperz (1992), o indivíduo é visto, sobretudo, como agente do seu próprio discurso, compreendendo que a sua disponibilidade comunicativa de poder lidar com mais de uma língua permite uma maior ampliação do uso metafórico da linguagem. A ênfase é dada muito mais à capacidade de o indivíduo administrar a sua competência lingüística de acordo com seus interesses pessoais do que à imposição exercida pelas diversas instituições sociais que privilegiam uma determinada língua em detrimento de outra, de menor prestígio social. Reforçando também o papel assumido pelo indivíduo, ao fazer uso da alternância de código, Myers-Scotton (1983) aponta que, ao optar pela língua que é mais freqüentemente usada em determinadas situações comunicativas, o indivíduo faz uma escolha "não marcada". No decorrer do discurso, entretanto, ele pode mudar para a outra língua, a fim de "marcar" a sua fala intencionalmente, assumir o uso metafórico com objetivo de causar um determinado impacto social. Dessa forma, reforça-se a



liberdade individual, ao fazer a escolha lingüística, mas reconhece-se que a leitura de cada escolha está associada aos significados previstos pela comunidade.

### **3. O português que se mescla a partir da proximidade entre as línguas**

A proximidade de elementos lingüísticos entre o português e o inglês favorece a presença de dois processos lingüísticos altamente recorrentes como estratégias comunicativas: o uso de falsos cognatos e a criação de neologismos. No primeiro caso, uma ampla lista de falsos cognatos pode ser facilmente identificada; ao lidar com significantes próximos, ocorre a tendência imediata de associação ao significado em inglês e, com o tempo, desprezar o significado correspondente em português. Exemplos corriqueiros são: aplicar/aplicação (no sentido de se inscrever, do ing. *apply*, *application*), como em “Vou fazer uma aplicação para a Universidade” (MOTA, 1999, p. 221); realizar (no sentido de perceber, constatar, como no inglês *realize*); fórmula (se referindo ao leite para crianças, como no ing. *baby formula*); pretender (no sentido de fingir, como no ingl. *pretend*); teatro (usado como cinema, ing. *theater*); suportar (como dar apoio, ing. *support*); esperto (como especialista, ing. *expert*); oficina (como escritório, ing. *office*); retirado (como aposentado, ing. *retired*), entre muitos outros. Assim, em sentenças completas em português, o falso cognato surge com a conotação do inglês:

– “João era suposto estar aqui desde as três horas.” (ESPÍNDOLA, 2001, p. 8).  
(do ing. *to be supposed to*)

– “Depois de três anos, resolvi problema de papel.” (GALVÃO, 2005, p. 172).  
(do ing. *paper*, documento)

A consciência metalingüística sobre a polissemia intercultural – o fato de significantes e significados similares nas duas línguas se referir a conotações diferentes em decorrência de questões culturais – demonstra o jogo de efeitos de sentidos, como explica a imigrante, ao dizer: “... eu entendi que ser suburbana aqui é bem diferente de ser suburbano lá, mas isso eu não posso dizer para o meu povo no Brasil” (MEIHY, 2004, p. 51).

O segundo processo lingüístico em destaque é a formação de neologismos decorrente da possibilidade de se mesclar os sistemas morfológicos das duas línguas (*code-mixing*). Novos vocábulos, resultantes das línguas em contato, são incorporados ao dicionário em português da comunidade local. Espíndola (2001) registrou 154 ocorrências entre substantivos, adjetivos e verbos. Dos mais freqüentes na fala coletiva encontramos: *parquear* (estacionar, do ing. *park*); *estopar* (parar, do ing. *stop*); *coitar* (abandonar, do ing. *quit*); *serapiar* (arrumar, do ing. *set up*); *vecar* (usar o aspirador, do ing. *vacuum cleaner*); *mapiar* (esfregar o chão, do ing. *mop*); *dar um bafo* (encerar o chão, do ing. *buff*); *deitar* (namorar, do ing. *to date*). O neologismo pode assumir conotações várias, como é o caso de *bisar* (estar ocupado, do ing. *busy*) que na fala dos adolescentes é assim explicado por uma adolescente de 15 anos, em Mota (1999, p. 221):

- É muito engraçado. A gente diz: ‘Essa menina está me bisando demais’, que está me enchendo o saco, como se está me ocupando. Uma amiga minha do Brasil estava comigo no telefone e aí eu disse pra ela: ‘A Érica não pára de me bisar’. Ela falou assim: ‘Não pára de fazer o quê?’, eu respondi: ‘De bisar. Ah! Desculpa, quer dizer que está me bisando, que não para de encher o saco’. Acho que ela não entendeu nada que eu falei. Ela ficou bisadona. Ficou doidona.

Expressões que soam ainda mais estranhas parecem ser normais nas conversas entre os brasileiros: “Eles estão *lay-off*ando gente pra caramba” (demitir, do ingl. *lay off*), (ESPÍNDOLA, 2002, p. 23); ou “Eu *came back* pra casa” (voltei, do ing. *come back*) (MOTA, 1999, p.222). A formação de neologismos

na comunidade oferece um amplo campo de pesquisa direcionado para a identificação dos ambientes fonológicos e morfológicos que favorecem a mesclagem entre as línguas. Por outro lado, traz uma reflexão sobre os efeitos de sentido que os neologismos produzem nas práticas discursivas dentro e fora da comunidade.

#### **4. O português brasuca: crenças e sentimentos lingüísticos**

O português brasuca, mesmo sendo considerado como uma variante do português perfeitamente legitimada pela sociolingüística, a partir da compreensão sobre os fenômenos de fricção decorrentes de línguas em contato, manifesta-se usualmente como alvo de preconceito entre os próprios falantes, ao considerá-la como uma variante subalterna, resultante da “incapacidade” de se estabelecer fronteiras lingüísticas, de uma pressuposta incompetência bilíngüe. Segundo Grosjean (1982, p. 147), a mistura entre os códigos lingüísticos, denominada de forma pejorativa por termos como “franglais” ou “spanglish”, é interpretada popularmente como o fenômeno “semilingüismo”, ou seja, o indivíduo não se sente capaz de desenvolver competência comunicativa em nenhuma língua. No caso do imigrante brasileiro, os depoimentos revelam essa realidade, que o comportamento lingüístico que circula entre as duas línguas acompanha uma sensação de inferioridade, de se perceber situado em um mundo entre lugares, de fragilidade de pertencimento. Nos exemplos seguintes, o primeiro informante critica a “agramaticalidade” do uso do português, mas, estranhamente, acredita que o interesse em melhorar a comunicação passa pela aprendizagem do inglês, enquanto que o segundo demarca que a experiência bilíngüe traz a tristeza da perda da língua materna, da sua identidade de origem:

– ... o português das pessoas aqui piora muito. Não sei se já era ruim assim no Brasil. Ninguém sabe usar os tempos dos verbos. Não dizem ‘você quer que eu faça’, mas sim ‘você quer que eu faço’, pra não falar em coisa pior, como ‘nós vai’.

Mas não posso generalizar, tem também aqueles que estão interessados em melhorar, você já vê muita gente estudando inglês (SALES, 1999, p. 163).

– Acaba a comunicação bonita porque passam a falar a língua grosseiramente, só o necessário mesmo. Tanto o português como o inglês vira nada. Fica monótono. Ninguém mais consegue achar as palavras. Diz o que se quer, mas de forma feia. Até os adultos falavam melhor o português no Brasil. Eles acabam perdendo a própria língua nativa porque misturam tudo com o inglês. E aí, nem os pais nem os filhos conseguem ser bons, nem em inglês, nem em português. É uma tristeza! (MOTA, 1999, p. 210).

Finalizo com o sentimento de que uma pesquisa macro de caráter longitudinal torna-se necessária para se investigar os caminhos evolutivos da comunidade em foco na perspectiva de se perguntar sobre a natureza do bilingüismo que ressoará desses eventos comunicativos. Entretanto, no atual estágio do processo de aculturação dos imigrantes brasileiros, os efeitos do contato entre o português e o inglês são visíveis, como mostro neste texto. E os dados aqui disponibilizados, com a inclusão de outros, permitem, certamente, o aprofundamento na interpretação do perfil sociolingüístico da comunidade brasuca.

### **Bibliografia**

ASSIS, Gláucia de O. “Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA”. In: REIS, Rossana R. e SALES, Teresa (Orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ESPÍNDOLA, M. L. *O Portinglês falado por imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. Monografia de Bacharelado. Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2001.

- FISHMAN, J. (Ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton, 1966.
- FISHMAN, J., COOPER, R. e MA, R. *Bilingualism in the barrio*. Bloomington: Indiana University Press, 1971.
- FISHMAN, J. *The Sociology of Language*. Rowley, MA: Newbury House Publishers, 1972.
- FLEISCHER, Soraya R. *Passando a América a limpo – o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston*. Massachusetts. São Paulo: Anablume, 2002.
- GAL, S. *Language shift. Social determinants of linguistic change in Bilingual Austria*. New York: Academic Press, 1979.
- GALVÃO, Heloísa Maria. *As viajantes do século vinte – uma história oral de mulheres brasileiras imigrantes na área de Boston*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Associados, 2005.
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.
- MEIHY, José Carlos. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MOTA, Kátia S. *Imigrantes brasileiros nos Estados Unidos: trajetórias de identidades em uma situação de bilingüismo*. Tese (Doutorado). Brown University, Providence, R.I., 1999.
- \_\_\_\_\_. Aulas de português fora da escola: famílias imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna. *Cadernos CEDES*, Campinas, SP, vol. 24, n. 63, 2004, p. 149-163.
- MYERS-SCOTTON, C. The negotiation of identities: a theory of markedness and code choice. *International Journal of the Sociology of Language*, 44, 1983, p. 115-136.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford, UK & Cambridge, USA: Blackwell, 1994.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

VELTMAN, C. *Language shift in the United States*. New York: Mouton, 1983.

WONG-FILLMORE, L. W. When learning a second language means losing the first. *Early Childhood Research Quarterly*, n. 6, 1991, p. 323-346.